LINGUAGENS



O bebê de tarlatana rosa

— [...] Na terça desliguei-me do grupo e caí no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pele e todos os maus instintos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dúbia, e todos nós a achamos inútil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contato familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval.

RIO, J. Dentro da noite. São Paulo: Antiqua, 2002.

No texto, o personagem vincula ao carnaval atitudes e reações coletivas diante das quais expressa

- consagração da alegria do povo.
- atração e asco perante atitudes libertinas.
- G espanto com a quantidade de foliões nas ruas.
- intenção de confraternizar com desconhecidos.
- G reconhecimento da festa como manifestação cultural.

Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

 Minhas senhoras, Seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil réis.

RAMOS, G. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1990.

O trecho, de *São Bernardo*, apresenta um relato de Paulo Honório, narrador-personagem, sobre a expansão de suas terras. De acordo com esse relato, o processo de prosperidade que o beneficiou evidencia que ele

- Tevela-se um empreendedor capitalista pragmático que busca o éxito em suas realizações a qualquer custo, ignorando princípios éticos e valores humanitários.
- procura adequar sua atividade produtiva e função de empresário às regras do Estado democrático de direito, ajustando o interesse pessoal ao bem da sociedade.
- relata aos seus interlocutores fatos que lhe ocorreram em um passado distante, e enumera ações que põem em evidência as suas muitas virtudes de homem do campo.
- demonstra ser um homem honrado, patriota e audacioso, atributos ressaltados pela realização de ações que se ajustam ao princípio de que os fins justificam os meios.
- amplia o seu patrimônio graças ao esforço pessoal, contando com a sorte e a capacidade de iniciativa, sendo um exemplo de empreendedor com responsabilidade social.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável. O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalariça, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.

> BARRETO, L. Diário do hospício e O cemitério dos vivos. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

No relato de sua experiência no sanatório onde foi interno, Lima Barreto expõe uma realidade social e humana marcada pela exclusão. Em seu testemunho, essa reclusão demarca uma

- Medida necessária de intervenção terapêutica.
- 6 forma de punição indireta aos hábitos desregrados.
- O compensação para as desgraças dos indivíduos.
- oportunidade de ressocialização em um novo ambiente.
- conveniência da invisibilidade a grupos vulneráveis e periféricos.

Bondade fazia jus ao apelido. Não tinha pouso certo. Morava em lugar algum, a não ser no coração de todos.

— Para que ter pouso certo? — dizia ele. — Homem devia ser que nem passarinho, ter asas para voar. Já rodei. Já vivi favela e mais favela, já vivi debaixo de pontes, viadutos... Já vivi matos e cidades. Já vaguei, vaguei... Muito tempo estou por aqui nesta favela. Aqui é grande como uma cidade. Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar!

O tempo ia passando, Bondade ficando ali. Comia em casa de um, bebia em casa de outro. Era amigo comum de dois ou mais inimigos. Não era traidor nem mediador também. Quando chegava à casa de um, por mais que indagassem, por mais que futricassem, Bondade não abria a boca. Desconversava, conversava, e a intriga morria logo. Vivia intensamente cada lugar em que chegava. Cada casa, cada pessoa, cada miséria e grandeza a seu tempo certo, no seu exato momento.

EVARISTO, C. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

No texto, o apelido dado ao personagem incorpora valores humanos relativos à sua

- generosidade em relação às demandas da comunidade onde vive.
- G capacidade de desprendimento material e benevolência afetiva.
- experiência em ignorar as provocações de seus inimigos.
- coragem em assumir uma vida de solidão e privações.
- incapacidade de expressar emoções e sentimentos.

A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. Relato de um certo Oriente. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abastança.
- sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.

Questão 17

As cores

Maria Alice abandonou o livro onde seus dedos longos liam uma história de amor. Em seu pequeno mundo de volumes, de cheiros, de sons, todas aquelas palavras eram a perpétua renovação dos mistérios em cujo seio sua imaginação se perdia. [...] Como seria cor e o que seria? [...]. Era, com certeza, a nota marcante de todas as coisas para aqueles cujos olhos viam, aqueles olhos que tantas vezes palpara com inveja calada e que se fechavam, quando os tocava, sensíveis como pássaros assustados, palpitantes de vida, sob seus dedos trêmulos, que diziam ser claros. Que seria o claro, afinal? Algo que aprendera, de há muito, ser igual ao branco. [...]

E agora Maria Alice voltava outra vez ao Instituto. E ao grande amigo que lá conhecera. [...]. Lembrava-se da ternura daquela voz, da beleza daquela voz. De como se adivinhavam entre dezenas de outros e suas mãos se encontravam. De como as palavras de amor tinham irrompido e suas bocas se encontrado... De como um dia seus pais haviam surgido inesperadamente no Instituto e a haviam levado à sala do diretor e se haviam queixado da falta de vigilância e moralidade no estabelecimento. E de como, no momento em que a retiravam e quando ela disse que pretendia se despedir de um amigo pelo qual tinha grande afeição e com quem se queria casar, o pai exclamara, horrorizado:

— Você não tem juízo, criatura? Casar-se com um mulato? Nunca!

Mulato era cor. Estava longe aquele dia. Estava longe o Instituto, ao qual não saberia voltar, do qual nunca mais tivera notícia, e do qual somente restara o privilégio de caminhar sozinha pelo reino dos livros, tão parecido com a vida dos outros, tão cheio de cores...

LESSA, O. Seleta de Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

No texto, a condição da personagem e os desdobramentos da narrativa conduzem o leitor a compreender o(a)

- percepção das cores como metáfora da discriminação racial.
- g privação da visão como elemento definidor das relações humanas.
- contraste entre as representações do amor de diferentes gerações.
- prevalência das diferenças sociais sobre a liberdade das relações afetivas.
- embate entre a ingenuidade juvenil e a manutenção de tradições familiares.

Os homens estavam tratando de negócios e eu figuei longe pra não atrapalhar. Já tinha ido com meu pai a muitos lugares e sabia que, quando ele queria falar de negócio, não gostava que eu ficasse por perto pedindo isso e aquilo. O secos e molhados era um mundo, enorme, eu me perdi lá dentro. Gostei de circular de um canto a outro [...]. Percebi que as vozes se alteravam e escutei a do meu pai apertada. mais baixa que as outras. Não sei por que, em vez de ver o que estava acontecendo, me escondi atrás das prateleiras e tentei ouvir o que eles diziam. Não entendi nada, mas pelo tom da conversa, percebi que meu pai estava triste. [...] O dono do armazém, cigarro pendurado na boca, sorriu, anotou qualquer coisa num saco de papel e enfiou a caneta sobre a orelha. Tinha uma cara feia e, ao mesmo tempo, me deu raiva e dó dele. [...] Meu pai disse, "Vamos, tá na hora", e pagou a conta, a mercadoria não era boa, que ele compreendesse. Saímos. Antes de chegar na Kombi, olhei de rabo de olho e vi, surpreso, que meu pai estava chorando. Na hora eu achei que seria melhor não olhar, até procurei fingir, pra ele se controlar. Eu senti que ele se envergonharia se eu percebesse. Andamos depressa, a grande mão dele no meu ombro, num toque leve, um carinho resignado. Como quem não quer nada, fiz que estava atento ao movimento das ruas, mas via a dor cobrindo o rosto dele guando o sol cintilou seus olhos.

CARRASCOZA, J. A. Aos 7 e aos 40. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

No texto, a relação entre os personagens adquire uma representação tensa, na perspectiva do narrador-personagem, que reconhece a

- humilhação sofrida pelo pai na negociação.
- ameaça nas atitudes do dono do comércio.
- compaixão pelo comportamento paterno.
- tensão entre os homens do armazém.
- hierarquia entre adulto e crianca.

Vanda vinha do interior de Minas Gerais e de dentro de um livro de Charles Dickens. Sem dinheiro para criá-la, sua mãe a dera, com seus sete anos, a uma conhecida. Ao recebê-la, a mulher perguntou o que a garotinha gostava de comer. Anotou tudo num papel. Mal a mãe virou as costas, no entanto, a fulana amassou a lista e, como uma vilã de folhetim, decretou: "A partir de hoje, você não vai mais nem sentir o cheiro dessas comidas!".

Vanda trabalhou lá até os quinze anos, quando recebeu a carta de uma prima com uma nota de cem cruzeiros, saiu de casa com a roupa do corpo e fugiu num ônibus para São Paulo.

Todas as vezes que eu e minha irmã a importunávamos com nossas demandas de criança mimada, ela nos contava histórias da infância de gata-borralheira, fazia-nos apertar seu nariz quebrado por uma das filhas da "patroa" com um rolo de amassar pão e nos expulsava da cozinha: "Sai pra lá, peste, e me deixa acabar essa janta".

PRATA, A. Nu de botas. São Paulo: Cia. das Letras, 2013 (adaptado).

Pela ótica do narrador, a trajetória da empregada de sua casa assume um efeito expressivo decorrente da

- A citação a referências literárias tradicionais.
- alusão à inocência das crianças da época.
- estratégia de questionar a bondade humana.
- O descrição detalhada das pessoas do interior.
- g representação anedótica de atos de violência.

10 de maio

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. [...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidade de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.

JESUS, C. M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

A partir da intimação recebida pelo filho de 9 anos, a autora faz uma reflexão em que transparece a

- A lição de vida comunicada pelo tenente.
- g predisposição materna para se emocionar.
- atividade política marcante da comunidade.
- p resposta irônica ante o discurso da autoridade.
- necessidade de revelar seus anseios mais íntimos.

Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à "fazenda", voltar ao seio da escravidão, estremeceu diante de um rio muito largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e lá cima, beirando a água, um morro alto, em ponta, varando as nuvens, como ele nunca tinha visto...

[...] todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... Aquele magnífico cenário gravara-se-lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, oh! Nunca mais! Ele, o escravo, "o negro fugido", sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na "fazenda" trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugadinha té... sabe Deus!

CAMINHA, A. Bom Crioulo. São Paulo: Martin Claret, 2008.

A situação descrita no fragmento aproxima-o dos padrões estéticos do Naturalismo em função da

- fragilidade emocional atribuída ao indivíduo oprimido.
- influência da paisagem sobre a capacidade de resiliência.
- impossibilidade de superação dos traumas da escravidão.
- correlação de causalidade entre força física e origem étnica.
- condição moral do indivíduo vinculada aos papéis de gênero.

Questão 39

O mato do Mutúm é um enorme mundo preto, que nasce dos buracões e sobe a serra. O guará-lobo trota a vago no campo. As pessôas mais velhas são inimigas dos meninos. Soltam e estumam cachorros, para ir matar os bichinhos assustados — o tatú que se agarra no chão dando guinchos suplicantes, os macacos que fazem artes, o coelho que mesmo até quando dorme todo-tempo sonha que está sendo perseguido. O tatú levanta as mãozinhas cruzadas, ele não sabe - e os cachorros estão rasgando o sangue dele, e ele pega a sororocar. O tamanduá. Tamanduá passeia no cerrado, na beira do capoeirão. Ele conhece as árvores, abraça as árvores. Nenhum nem pode rezar, triste é o gemido deles campeando socôrro. Todo choro suplicando por socôrro é feito para Nossa Senhora, como quem diz a salve-rainha. Tem uma Nossa Senhora velhinha. Os homens, pé-ante-pé, indo a peitavento, cercaram o casal de tamanduás, encantoados contra o barranco, o casal de tamanduás estavam dormindo. Os homens empurraram com a vara de ferrão, com pancada bruta, o tamanduá que se acordava. Deu som surdo, no corpo do bicho, quando bateram, o tamanduá caiu pra lá, como um colchão velho.

> ROSA, G. Noites do sertão (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Na obra de Guimarães Rosa, destaca-se o aspecto afetivo no contorno da paisagem dos sertões mineiros. Nesse fragmento, o narrador empresta à cena uma expressividade apoiada na

- plasticidade de cores e sons dos elementos nativos.
- dinâmica do ataque e da fuga na luta pela sobrevivência.
- religiosidade na contemplação do sertanejo e de seus costumes.
- correspondência entre práticas e tradições e a hostilidade do campo.
- humanização da presa em contraste com o desdém e a ferocidade do homem.

N12 - Q32:2021 - H17 - Proficiência: 586.87

RESOLUÇÃO Questão 32 Singular ocorrência Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola. - De preto? Justamente; lá vai entrando; entrou. - Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma recordação de outro tempo, e não há de ser muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz. Deve ter quarenta e seis anos. - Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente? - Bem; o marido ainda vive. É velho? Não é casada. - Solteira? - Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e chegará lá. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa. ASSIS, M. Machado de Assis: seus 30 melhores contos. Río de Janeiro: Aguilar, 1961. No diálogo, descortinam-se aspectos da condição da mulher em meados do século XIX. O ponto de vista dos personagens manifesta conceitos segundo os quais a mulher encontra um modo de dignificar-se na prática da caridade. 3 preserva a aparência jovem conforme seu estilo de condiciona seu bem-estar à estabilidade do casamento. 1 tem sua identidade e seu lugar referendados pelo homem. 3 renuncia à sua participação no mercado de trabalho.

Questão 27 Enemada

O Bom-Crioulo

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

[....]

A chibata não lhe fazia mossa; tinha costas de ferro para resistir como um hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata...

[....]

Entretanto, já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre as outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

[....]

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe.

- Cento e cinquenta!

Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinheiro e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue.

CAMINHA, A. O Bom-Crioulo. São Paulo: Martin Claret, 2006.

A prosa naturalista incorpora concepções geradas pelo cientificismo e pelo determinismo. No fragmento, a cena de tortura a Bom-Crioulo reproduz essas concepções, expressas pela

- exaltação da resistência inata para legitimar a exploração de uma etnia.
- defesa do estoicismo individual como forma de superação das adversidades.
- concepção do ser humano como uma espécie predadora e afeita à morbidez.
- observação detalhada do corpo para a identificação de características de raça.
- apologia à superioridade dos organismos saudáveis para a sobrevivência da espécie.

Questão 10

→ enem2021_

Introdução a Alda

Dizem que ninguém mais a ama. Dizem que foi uma boa pessoa. Sua filha de doze anos não a visita nunca e talvez raramente se lembre dela. Puseram-na numa cidade triste de uniformes azuis e jalecos brancos, de onde não pôde mais sair. Lá, todos gritam-lhe irritados, mal se aproxima, ou lhe batem, como se faz com sacos de areia para treinar os músculos.

Sei que para todos ela já não é, e ninguém lhe daria uma maçã cheirosa, bem vermelha. Mas não é verdade que alguém não a possa mais amar. Eu amo-a. Amo-a quando a vejo por trás das grades de um palácio, onde se refugiou princesa, chegada pelos caminhos da dor. Quando fora do reino sente o mundo de mil lanças, e selvagem prepara-se, posta no olhar. Amo-a quando criança brinca na areia sem medo. Uns pés descalços, uma mulher sem intenções. Cercada de mundo, às vezes sofrendo-o ainda.

CANÇADO, M. L. O sofredor do ver. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Ao descrever uma mulher internada em um hospital psiquiátrico, o narrador compõe um quadro que expressa sua percepção

- irônica quanto aos efeitos do abandono familiar.
- resignada em face dos métodos terapêuticos em vigor.
- alimentada pela imersão lírica no espaço da segregação.
- inspirada pelo universo pouco conhecido da mente humana.
- demarcada por uma linguagem alinhada à busca da lucidez.

Questão 39 | enem 2020enem 2020enem 2020

Entre as tentativas de encontrar o melhor ângulo para retirar o terneiro, meu irmão, o guri e seu pai tentavam convencer Jaqueline de que a morte da vaca não seria uma grande perda: "não é a mesma coisa que perder um pai, um avô, que a gente lembra para o resto da vida, fica lá no cemitério", "bicho é bicho". Jefferson, o guri, repetia tudo que o pai dizia, mas já afastado, pois havia sido corrido pela mãe.

Jaqueline repete: "pra mim não tem diferença! Os bichos estão tudo na volta. Eles sabem quando eu chego, me conhecem, sabem o meu cheiro. Sou eu que dou comida. Não tem diferença nenhuma!". O pai tenta concordar sem afrontar os caras, dizendo que as pessoas desenvolvem valor de estima pelos animais.

KOSBY, M. F. Mugido (ou diário de uma doula). Rio de Janeiro: Garupa, 2017. No fragmento, as reações à perda de um animal refletem concepções fortalecidas pela

- sensibilidade adquirida com a lida no campo.
- Banalização da morte em função de sua recorrência.
- expectativa do sofrimento na visão do destino humano.
- certeza da efemeridade da vida como fator de pessimismo.
- empatia gerada pela interseção entre o homem e seu ambiente.

RESOLUÇÃO N16 - Q45:2020 - H17 - Proficiência: 613.34 Questão 45 lenem2020enem2020enem2020 Fomos falar com o tal encarregado, depois com um engenheiro, depois com um supervisor que mandou chamar um engenheiro da nossa companhia. Esses homens são da sua companhia, engenheiro, ele falou, estão pedindo a conta. A companhia está empenhada nessa ponte, gente, falou o engenheiro, vocês não podem sair assim sem mais nem menos. Tinha uma serra circular cortando uns caibros ali perto, então só dava pra falar quando a serra parava, e aquilo foi dando nos nervos. Falei que a gente tinha o direito de sair quando a gente quisesse, e pronto. Nisso encostou um sujeito de paletó mas sem gravata, o engenheiro continuou falando e a serra cortando. Quando ele parou de falar, 50 Volts aproveitou uma parada da serra e falou que a gente não era bicho pra trabalhar daquele jeito; daí o supervisor falou que, se era falta de mulher, eles davam um jeito. O engenheiro falou que tinha mais de vinte companhias trabalhando na ponte, a maioria com prejuízo, porque era mais uma questão de honra, a gente tinha de acabar a ponte, a nossa companhia nunca ia esquecer nosso trabalho ali naquela ponte, um orgulho nacional. PELLEGRINI, D. A maior ponte do mundo. Melhores contos. São Paulo: Global, 20 As reivindicações dos operários, quanto às condições aviltantes de trabalho a que são submetidos, recebem algumas tentativas de neutralização dos representantes do empregador, das quais a mais forte é o(a) A sequência de atribuição de responsabilidades e de poder decisório a terceiros. solicitação em nome dos prejuízos e compromissos para entrega da obra. intimidação pela discreta presença de um agente de segurança na cena. O promessa de imediato atendimento da carência sexual dos operários. g apelo pela identificação com a empresa extensiva ao amor patriótico.

Somente uns tufos secos de capim empedrados crescem na silenciosa baixada que se perde de vista. Somente uma árvore, grande e esgalhada mas com pouquíssimas folhas, abre-se em farrapos de sombra. Único ser nas cercanias, a mulher é magra, ossuda, seu rosto está lanhado de vento. Não se vê o cabelo, coberto por um pano desidratado. Mas seus olhos, a boca, a pele – tudo é de uma aridez sufocante. Ela está de pé. A seu lado está uma pedra. O sol explode.

Ela estava de péno fim do mundo. Como se andasse para aquela baixada largando para trás suas noções de si mesma. Não tem retratos na memória. Desapossada e despojada, não se abate em autoacusações e remorsos. Vive.

Sua sombra somente é que lhe faz companhia. Sua sombra, que se derrama em traços grossos na areia, é que adoça como um gesto a claridade esquelética. A mulher esvaziada emudece, se dessangra, se cristaliza, se mineraliza. Já é quase de pedra como a pedra a seu lado. Mas os traços de sua sombra caminham e, tomando-se mais longos e finos, esticam-se para os farrapos de sombra da ossatura da árvore, com os quais se enlaçam.

FRÓES, L. Vertigens: obra reunida. Río de Janeiro: Rocco, 1998.

Na apresentação da paisagem e da personagem, o narrador estabelece uma correlação de sentidos em que esses elementos se entrelaçam. Nesse processo, a condição humana configura-se

- amalgamada pelo processo comum de desertificação e de solidão.
- fortalecida pela adversidade extensiva à terra e aos seres vivos.
- redimensionada pela intensidade da luz e da exuberância local.
- imersa num drama existencial de identidade e de origem.
- imobilizada pela escassez e pela opressão do ambiente.

QUESTÃO 43
 Sou um homem comum
 brasileiro, maior, casado, reservista,
e não vejo na vida, amigo
nenhum sentido, senão
lutarmos juntos por um mundo melhor.
Poeta fui de rápido destino
 Mas a poesia é rara e não comove
nem move o pau de arara.
Quero, por isso, falar com você
 de homem para homem,
apoiar-me em você
 oferecer-lhe meu braço
que o tempo é pouco
 e o latifúndio está aí matando
 []
Homem comum, igual
a você,
[]
Mas somos muitos milhões de homens
 comuns
e podemos formar uma muralha
 com nossos corpos de sonhos e margaridas.
FERREIRA GULLAR. Dentro da noite veloz.
 Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).
 No poema, ocorre uma aproximação entre a realidade
social e o fazer poético, frequente no Modernismo. Nessa
aproximação, o eu lírico atribui à poesia um caráter de
 agregação construtiva e poder de intervenção na ordem instituída.
 força emotiva e capacidade de preservação da memória social.
 denúncia retórica e habilidade para sedimentar sonhos e utopias.
 • ampliação do universo cultural e intervenção nos
 valores humanos.
identificação com o discurso masculino e questionamento dos temas líricos.

QUESTÃO 28
esse cão que me segue
 é minha família, minha vida
 ele tem frio mas não late nem pede
ele sabe que o que eu tenho
 divido com ele, o que eu não tenho
 também divido com ele
ele é meu irmão
ele é que é meu dono
 bicho se é por destino sina ou sorte
 só faltando saber se bicho decente
bicho de casa, bicho de carro, bicho
 no trânsito, se bicho sem norte na fila
 se bicho no mangue, se bicho na brecha
 se bicho na mira, se bicho no sangue
catar papel é profissão, catar papel
revela o segredo das coisas, tem
 muita coisa sendo jogada fora
muita pessoa sendo jogada fora
 OLIVEIRA, V. L. O músculo amargo do mundo. São Paulo: Escrituras, 2014.
 No poema, os elementos presentes do campo de
 percepção do eu lírico evocam um realinhamento de significados, uma vez que
 emerge a consciência do humano como matéria de
 descarte.
 reside na eventualidade do acaso a condição do indivíduo.
 ocorre uma inversão de papéis entre o dono e seu cão.
 se instaura um ambiente de caos no mosaico urbano.
se atribui aos rejeitos uma valorização imprevista.

 QUESTÃO 34	
Quebranto	
às vezes sou o policial que me suspeito me peço documentos e mesmo de posse deles me prendo e me dou porrada	
às vezes sou o porteiro não me deixando entrar em mim mesmo a não ser pela porta de serviço	
 - [] - · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	
 às vezes faço questão de não me ver e entupido com a visão deles sinto-me a miséria concebida como um eterno começo	
fecho-me o cerco sendo o gesto que me nego a pinga que me bebo e me embebedo o dedo que me aponto e denuncio o ponto em que me entrego.	
 às vezes! CUTI. Negroecia. Belo Horizonte: Mazza, 2007 (fragments).	
Na literatura de temática negra produzida no Brasil, é recorrente a presença de elementos que traduzem experiências históricas de preconceito e violência. No poema, essa vivência revela que o eu lírico	
 incorpora seletivamente o discurso do seu opressor.	
 submete-se à discriminação como meio de fortalecimento. 	
 engaja-se na denúncia do passado de opressão e injustiças. 	
 sofre uma perda de identidade e de noção de pertencimento.	
 acredita esporadicamente na utopia de uma sociedade igualitária.	
	•
	•
	•

Questão 38

Menina

A máquina de costura avançava decidida sobre o pano. Que bonita que a mãe era, com os alfinetes na boca. Gostava de olhá-la calada, estudando seus gestos, enquanto recortava retalhos de pano com a tesoura. Interrompia às vezes seu trabalho, era quando a mãe precisava da tesoura. Admirava o jeito decidido da mãe ao cortar pano, não hesitava nunca, nem errava. A mãe sabia tanto! Tita chamava-a de () como quem diz (). Tentava não pensar as palavras, mas sabia que na mesma hora da tentativa tinha-as pensado. Oh, tudo era tão difícil. A mãe saberia o que ela queria perguntar-lhe intensamente agora quase com fome depressa depressa antes de morrer, tanto que não se conteve e - Mamãe, o que é desquitada? - atirou rápida com uma voz sem timbre. Tudo ficou suspenso, se alguém gritasse o mundo acabava ou Deus aparecia — sentia Ana Lúcia. Era muito forte aquele instante, forte demais para uma menina, a mãe parada com a tesoura no ar, tudo sem solução podendo desabar a qualquer pensamento, a máquina avançando desgovernada sobre o vestido de seda brilhante espalhando luz luz luz.

ÂNGELO, I. Menina. In: A face horrível. São Paulo: Lazuli, 2017.

Escrita na década de 1960, a narrativa põe em evidência uma dramaticidade centrada na

- insinuação da lacuna familiar gerada pela ausência da figura paterna.
- associação entre a angústia da menina e a reação intempestiva da mãe.
- relação conflituosa entre o trabalho doméstico e a emancipação feminina.
- representação de estigmas sociais modulados pela perspectiva da criança.
- expressão de dúvidas existenciais intensificadas pela percepção do abandono.

QUESTÃO 09	
Dois parlamentos	
Nestes cemitérios gerais	
não há morte pessoal.	
Nenhum morto se viu	
com modelo seu, especial.	
Vão todos com a morte padrão,	
em série fabricada.	
Morte que não se escolhe	•
e aqui é fornecida de graça.	
Que acaba sempre por se impor	
sobre a que já medrasse.	
Vence a que, mais pessoal,	
alguém já trouxesse na carne.	
Mas afinal tem suas vantagens	
esta morte em série.	
Faz defuntos funcionais,	
próprios a uma terra sem vermes.	
MELO NETO, J. C. Serial e antes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997 (fragme	nto).
A lida do sertanejo com suas adversidades constitui u	m
viés temático muito presente em João Cabral de Me	
Neto. No fragmento em destaque, essa abordage	
ressalta o(a)	
inutilidade de divisão social e hierárquica após a mor	re.
aspecto desumano dos cemitérios da população caren	
nivelamento do anonimato imposto pela miséria na mor	
tom de ironia para com a fragilidade dos corpos e da ter	
indiferença do sertanejo com a ausência de seus próximo	
• Indiciença do Seitanejo com a adsencia de Seus proximo	

Descobrimento Abancado à escrivaninha em São Paulo Na minha casa da rua Lopes Chaves De supetão senti um frúme por dentro. Fiquei trêmulo, muito comovido Com o livro palerma olhando pra mim. Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! [Muito longe de mim, Na escuridão ativa da noite que caiu, Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo [nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia, Faz pouco se deitou, está dormindo. Esse homem é brasileiro que nem eu ANDRACE. M. Poestes cempletas dele tricurate Villa Rica, 1993. O poema modernista de Mário de Andrade revisita o tema do nacionalismo de forma irônica ao O referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista. diealizar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade. problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. propalar uma inquietação desfavorável quanto à aceitação das diferenças socioculturais.	Q	uestão 08 enem2021-
Na minha casa da rua Lopes Chaves De supetão senti um friúme por dentro. Fiquei trêmulo, muito comovido Com o livro palerma olhando pra mim. Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! [Muito longe de mim, Na escuridão ativa da noite que caiu, Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo [nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia, Faz pouco se deitou, está dormindo. Esse homem é brasileiro que nem eu ANDRADE, M. Poeslas completas. Belo Horizorde: Villa Rica, 1993. O poema modernista de Mário de Andrade revisita o tema do nacionalismo de forma irônica ao o referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista. Gi idealizar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade. problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional.		Descobrimento
[Muito longe de mim, Na escuridão ativa da noite que caiu, Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo [nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia, Faz pouco se deitou, está dormindo. Esse homem é brasileiro que nem eu ANDRADE, M. Poesias completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. O poema modernista de Mário de Andrade revisita o tema do nacionalismo de forma irônica ao 1 referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista. 3 idealizar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade. 9 problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. 1 questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. 3 propalar uma inquietação desfavorável quanto à		Na minha casa da rua Lopes Chaves De supetão senti um friúme por dentro. Fiquei trêmulo, muito comovido
ANDRADE, M. Poesias completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. O poema modernista de Mário de Andrade revisita o tema do nacionalismo de forma irônica ao oreferendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista. oreginar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade. oreginar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. oreginar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. propalar uma inquietação desfavorável quanto à		Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus! [Muito longe de mim, Na escuridão ativa da noite que caiu, Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo [nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista. idealizar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade. problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. propalar uma inquietação desfavorável quanto à		ANDRADE, M. Poesias completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
alternativa de brasilidade. Problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade. Questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. Propalar uma inquietação desfavorável quanto à		referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao
construção da nacionalidade. • questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional. • propalar uma inquietação desfavorável quanto à	G	·
formação da identidade nacional. • propalar uma inquietação desfavorável quanto à	G	
	G	

Qu	estão	44		**	~~				**	44			**			**					**	
	19-11	-1959																				
	Eu a	conh	eci d																			
ma À t	is de arde,	vinte a	anos lo ia	— na lá na	ão es	stou t	oem o	erta.	Foit	ransf	erida Bohèr	para	a Co /alsa	lônia da M	Juliar	no M	oreira	e nu	inca iana	mais	a vi.	[
me	io do	pátio,	cant	ava -	— е	era d	le do	er o c	oraç	ão. A	s den	nente	s, de	scalç	as e	rasga	adas,	para	vam	em s	urpre	esa
rino	do bor prese	ito en	n silê	ncio,	05 10	stos	trans	forma	dos.	Outra	as, se	ntada	as no	chão	úmid	o, av	ança\	am a	s fac	es in	unda	das
imá	ivel, a	s Íágri	imas	cega	ındo-ı	me. [ona (Georg	jiana	cant	ava: c	heia	de gr	aça, o	os olh	os az	uis so	orrind	lo, aq	uele	pass	ado
tão nát	prese io de	ente, e mulhe	ela qu	ue foi	ra, ela	a que	e era,	se el	evan	ido na releza	a limp a terri	idez fica d	das r	notas,	, minh ni não	ias lá alca	igrima ncou	as de	scen	do ca her d	alada lesca	s, c
suj	a, gas	ta, lou	ıca, e	e as r	notas	sain	do-lhe	e em t	tragio	cidad	e difíc	il e b	ela d	emais	s — p	ara e	xístir	fora	de un	n hos	pício).
_	0.4.1	4-	4		- 1-4		4- 6-		L						ospício							
	diário cepçã			com	io inte	erna	de ho	ospita	ı psid	quiatr	ico, c	ontig	ura u	m re	gistro	sing	ular, 1	unda	imen	iado	por t	ıma
	atenu	-		ade d	o sof	rimer	nto po	or mei	o da	músi	ca.											
0	redin	ensio	na a	essê	ncia	huma	ana to	ocada	pela	sens	sibilida											
	evide																					
	trans						_							ística								
•	ароп	ta pai	aan	ссир	craya	io da	Sauu	C IIICI	intai g	jiaya	o a ai	IVIGA	ac an	131100								
								•	•				•	•								
	•	-	•					•	•	•			•	•	•				•	•		
	•		•					•		•	•	•	•	•					•	•		
	•							•							•					•		
	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•				•	•	•	
								•														
	•	-	-		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•				•	•	•	
						•		•	•				•	•	•					•	•	•
		•						•							•							
													•	•								
	•		-		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•				•	•	•	•

Questão 28 enemacar --

— ... E o amor não é só o que o senhor Sousa Costa pensa. Vim ensinar o amor como deve ser. Isso é que pretendo, pretendia ensinar pra Carlos. O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras. Hoje, minha senhora, isso está se tornando uma necessidade desde que a filosofia invadiu o terreno do amor! Tudo o que há de pessimismo pela sociedade de agora! Estão se animalizando cada vez mais. Pela influência às vezes até indireta de Schopenhauer, de Nietzsche... embora sejam alemães. Amor puro, sincero, união inteligente de duas pessoas, compreensão mútua. E um futuro de paz conseguido pela coragem de aceitar o presente.

Rosto polido por lágrimas saudosas, quem vira Fräulein chorar!...

— ... É isso que eu vim ensinar pra seu filho, minha senhora. Criar um lar sagrado! Onde é que a gente encontra isso agora?

ANDRADE, M. Amar, verbo intransitivo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Confrontada pela dona da casa, a personagem alemã explica as razões de sua presença ali. Em seu discurso, o amor é concebido por um viés que

- A defende a idealização dos sentimentos.
- explica filosoficamente suas peculiaridades.
- questiona a possibilidade de sua compreensão.
- demarca as influências culturais sobre suas práticas.
- g reforça o papel da família na transmissão de seus valores.

 QUESTÃO 26
 o que será que ela quer
 essa mulher de vermelho
 alguma coisa ela quer
 pra ter posto esse vestido
não pode ser apenas
uma escolha casual
podia ser um amarelo
 verde ou talvez azul
mas ela escolheu vermelho
ela sabe o que ela quer
 e ela escolheu vestido
 e ela é uma mulher
então com base nesses fatos
 eu já posso afirmar
 que conheço o seu desejo
 caro watson, elementar:
o que ela quer sou euzinho
 sou euzinho o que ela quer só pode ser euzinho
 o que mais podia ser
FREITAS, A. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Nafy, 2013.
No processo de elaboração do poema, a autora confere
 ao eu lírico uma identidade que aqui representa a
 hipocrisia do discurso alicerçado sobre o senso comum.
 mudança de paradigmas de imagem atribuídos à mulher.
tentativa de estabelecer preceitos da psicologia feminina.
 importância da correlação entre ações e efeitos causados.
 valorização da sensibilidade como característica de gênero.

Questão 35

Essa lua enlutada, esse desassossego
A convulsão de dentro, ilharga
Dentro da solidão, corpo morrendo
Tudo isso te devo. E eram tão vastas
As coisas planejadas, navios,
Muralhas de marfim, palavras largas
Consentimento sempre. E seria dezembro.
Um cavalo de jade sob as águas
Dupla transparência, fio suspenso
Todas essas coisas na ponta dos teus dedos
E tudo se desfez no pórtico do tempo
Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro
Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo

Também isso te devo.

HILST, H. Júbilo, memória, noviciado da paixão. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

No poema, o eu lírico faz um inventário de estados passados espelhados no presente. Nesse processo, aflora o

- cuidado em apagar da memória os restos do amor.
- amadurecimento revestido de ironia e desapego.
- mosaico de alegrias formado seletivamente.
- desejo reprimido convertido em delírio.
- arrependimento dos erros cometidos.

	ESTÃO	30																				
"o (a fa lési	ueixo su que é lé amília. S bica? Po	rissa de uspenso sbica?". Senti um orque a ntraí o p	, bate . Eu fi n calor Joana	ndo co quei r letal é. A v	om o muda. subir vergo	garfo . Joac pelo nha e	nos quim meu stava	lábio sabi pes	s, esp a sob coço	peran re mi e me	do a m e i doer	respo me ei atrás	sta. E ntrega das	Beatri aria p orelh	z eco ara a as. F	oou a vó o revi	palav e, ma a cen	/raco ista⊪ a:vó	omo p de, p	ergun ara to enhora	ta, . da aé	
con	[] Pe ntar isso	nsei na à minha a boca	natura a famí	alidad lia, pe	e con	n que em to	Taís dos	os co	legas	e pro	ofess	ores (que já	i sabi	am, f	eche	os o	lhos	e vi a	boca	da ·	
		não con				C IOCE	ando	, арс	oai u											5 (fragme	-	
As	ituação	narrada	revela	a uma	tensá	ão fun	ndam	enta	da na											-,	-	-
		com os																			-	,
		em nor						~~													-	
		nstaurad impost			_		_		es.													
		aos prot								os.												
																					-	
•	•	•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	,
•	•	•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		,
		•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		-
-				•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		-
-		•		•				•				•	•	•			•			•		-
				•							•	•	•	•						•		
								•	•		•	•	•	•					•			
		-			•	•																
		•	•			•		•					•					•				
	•	٠	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	٠	•	•		
•	•		•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		,
•			•	•		•			•		•	•	•	•						•		
				•								•	•	•	•					•		-
						•		•			•	•	•	•			•					_
		•						•				•	•	•	•		•			•		

GABARITO H17

1 - B	2 - A	3 - E	4 - B	5 - A	6 - A	7 - A	8 - E	9 - D	10 - B
11 - E	12 - D	13 - A	14 - C	15 - E	16 - E	17 - A	18 - A	19 - A	20 - A
21 - D	22 - C	23 - C	24 - B	25 - D	26 - A	27 - B	28 - B		
			• •						
	•		•		•			•	•
			•						
			•						
			•						
		• • •							
			•						
			•						